

OVNILOGIA: ÉTICA E ESTÉTICA

ONOFRE VARELA¹

No final da década de 1970, o filme *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*, realizado por Steven Spielberg (filme que vi em Março de 1978 no Cinema Trindade, Porto) converteu-se no maior êxito de bilheteira do país... quiçá do mundo... e não apenas por ser um bom espectáculo cinematográfico com trucagens de uma fantástica beleza, mas também, ou principalmente, porque abria caminho à nossa imaginação e à nossa esperança. Se calhar, até... aos nossos medos... (mas também ao nosso eterno combate à solidão por não quisermos estar sós no universo) e, provavelmente, também, à nossa coragem por desejarmos um encontro real com seres alienígenas, convictos de que, deles, só teremos a receber benefícios, pois se criaram uma técnica que lhes permite cruzar o espaço, terão, necessariamente, de ser tecnicamente mais evoluídos do que nós, cuja evolução implicaria o mesmo grau de desenvolvimento na moral e na ética.

E se os princípios químicos e físicos criadores da vida, se repetem noutros pontos do universo tal como evoluíram aqui, os extraterrestres também serão seres com muitas semelhanças morfológicas connosco. Portanto não serão monstros nem desembarcarão na Terra animados de intenções bélicas, como em outros filmes de ficção científica nos foram apresentados como invasores, colonizadores, perseguidores e destruidores.

Na verdade, estas maldades fizemos-las nós próprios, como a História regista, quando invadimos territórios americanos, africanos e asiáticos. A maldade é nossa e espelhámos-la nos alienígenas da nossa imaginação, que desenhamos fortemente bélicos, à nossa semelhança. O mesmo fizemos com Deus, que criamos à nossa imagem e semelhança, e dizemos que foi ele que nos criou à sua imagem e semelhança!... O que quer dizer que para além de sermos maldosos, também somos vaidosos e arrogantes, ao ponto de criarmos um deus perfeito que só pode ser cópia de nós!

Somos constantemente perseguidos pelo nosso ancestral medo colectivo aos monstros, quer vivam eles nas selvas reais, quer venham das mitologias (da grega e de outras), quer sejam inventados pelos nossos navegantes ou sejam alienígenas vindos dos confins do espaço.

Esse nosso medo ficou bem expresso na reacção que os norte-americanos tiveram no dia 30 de Outubro de 1938 (fez 77 anos há cerca de um mês), quando Orson Welles, cineasta e actor, anunciou aos microfones da rádio que Nova Jersey fora invadida por marcianos ater-

¹ Designer gráfico e ilustrador

radadores. Antes que o radialista tivesse tempo de informar que o programa fazia publicidade ao romance de ficção científica *A Guerra dos Mundos*, de outro Wells, Herbert George Wells (sem E entre o L e o S, e com H em Herbert), semeou-se o pânico entre quem escutava rádio.

E pior ainda... o pânico propagou-se a quem não tendo escutado o programa radiofónico, acreditou na versão contada por alguém que ouviu, e que era imensamente mais horrível, porque “quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto”. Um medo aterrador alastrou-se a 32 milhões de pessoas, convictas de que a América estava a ser invadida por monstros do espaço, e deu-se a fuga espavorida.

Este medo que agitou a América não aconteceu por acaso. Aliás, não há medo algum que se instale por acaso. O medo da guerra e dos seus maléficos resultados estava latente na população americana (e europeia) desde o conflito global que foi a primeira guerra mundial (1914-1918), na qual os soldados americanos entraram em 1917. No final da guerra contaram-se 10 milhões de mortos, e na década de 1930 vivia-se uma paz podre. As várias facções do conflito de há cerca de duas décadas continuavam a ser uma ameaça.

Havia crise económica, tensão política e social em várias partes do globo, regimes totalitários, ideologias expansionistas, imperialismos, guerra fria entre URSS e EUA, corrida ao armamento... tudo isto, mais a ideia de um domínio mundial por uma potência imperialista hegemónica, acabou por conduzir à Segunda Grande Guerra em 1939, terminando em 1945.

A Guerra dos Mundos, de Orson Welles, antecede este segundo conflito mundial em um ano. E a reacção espontânea de medo e fuga pode, a meu ver, ser ligada à predisposição das pessoas com má memória da guerra e alarmadas com a eventualidade de se confirmar um segundo conflito e, desta vez, cósmico!...

Provavelmente estará aqui a razão para que a transmissão radiofónica de Orson Welles tivesse causado tanto pavor, a um nível que nenhum filme de terror ou de antecipação científica terá conseguido suscitar.

Como disse Jacques Siclier, em *Cinema e Ficção Científica* (lembrado por Lauro António na revista *Opção* nº 101, de 30 de Março de 1978):

“Essa emissão de ficção científica agitou a América, e durante 24 horas milhares de americanos julgaram, realmente, ter visto os marcianos. Outros, imaginaram-se ameaçados por um desembarque inesperado das hostes nazis, do exército vermelho, ou, até, dos chineses ou japoneses! De facto todos os perigos que então pairavam sobre o mundo, e de que a América tinha tanta consciência como a Europa (se bem que estivesse menos directamente ameaçada) haviam tomado forma durante aquela noite de pânico provocada pelo *enfant-terrible* que era Orson Wells. Os marcianos tinham assumido, simbolicamente, o papel de agressores”.

Embora este temor estivesse instalado na cabeça dos frágeis seres humanos, com o correr do tempo o medo aos extraterrestres foi-se convertendo na curiosidade de um encontro positivo com seres alienígenas, sem belicimos nem horrores, e foi tomando conta das nossas consciências. Ideia, até, muito bem aceite, talvez porque, provavelmente, aquilo que inconscientemente, nós queremos... é salvarmos-nos de nós próprios.

Para o abandono da ideia catastrofista da invasão de seres do espaço, terá contribuído, muito provavelmente, o cientista Carl Sagan com a sua divulgação científica serena e sem dramas, que nos aponta soluções racionais e caminhos de encontro pacífico com prováveis extraterrestres. Mas também Eric Von Daniken, com as suas investigações e suposições, e a colocação de hipóteses paralelas à Ciência (de Daniken tornarei a falar mais à frente), e essas vontades e propostas pacíficas vieram a tomar conta das esperanças de muita gente, mormente na juventude da década de 1970.

Aqui chegados, e já sem medo da invasão dos extraterrestres-piratas, lembremos que após a Segunda Guerra Mundial houve várias vagas de observação de Discos Voadores (termo que, no final da década de 1960, veio a ser substituído pela sigla OVNI - Objecto Voador Não Identificado).

Essas observações iniciaram-se na década de 1940 com o célebre testemunho de um homem de negócios e desportista norte-americano Kenneth Arnold, que, pilotando o seu avião particular no dia 24 de Junho de 1947 avistou um grupo de nove engenhos com forma de disco atravessando o céu a uma velocidade surpreendente, estimada em 2.000 Km/h. (Por acaso foi nos EUA, se fosse em Portugal, esta observação passava por balões de S.João!...)

Com este caso, os Discos Voadores iniciavam um novo ciclo de aparições tão frequentes que inquietaram a consciência dos observadores. Aquela suposta invasão de marcianos de H. G. Wells, transmitida na rádio por Orson Welles, ainda não se tinha esbatido totalmente no consciente colectivo, quando, uma década depois, uma onda de “naves espaciais” se abate sobre os céus da América, testemunhada por Desmond Leslie e George Adamsky.

Mais uma vez os fantasmas da guerra vieram à tona. As fortes marcas deixadas pela Segunda Guerra Mundial obrigavam a perguntar se aqueles engenhos voadores não seriam de fabrico russo? E as questões então colocadas: “De onde vêm os Discos Voadores?”; “Que querem de nós?”... não tinham resposta.

O terror anti-soviético dominava o pensamento americano, e, mais uma vez, a indústria cinematográfica transportou todos esses medos latentes para a invasão da Terra por seres extraterrestres.

Em 1951 Edgar Ulmer realizou o filme *O Homem do Planeta X*, contando a história de um desconhecido que chega a uma vila norte-americana e prepara os habitantes para a invasão de seres espaciais que chegariam em breve.

Entre o terror atômico e a ameaça latente do comunismo, a América inquietava-se, e os Discos Voadores faziam parte dessa inquietação.

George Adamsky tornava-se numa figura nacional. Deu conferências, fez viagens e foi recebido pela rainha da Suécia. Nas suas saídas frequentes para uma zona de montanha, invariavelmente fazia fotografias de discos voadores e, uma vez, fotografou um astronauta “venusiano”. Garantiu ter entrado numa nave e ter feito uma viagem espacial. Viu a Lua, descortinou cidades na sua superfície e enxergou os seus habitantes, os selenitas!

Sabendo nós que nem a Lua nem Vénus são planetas habitados, interrogamos-nos se George Adamsky mentiu, ou se se enganou na descrição da viagem que fez e baralhou os itinerários!

Por outro lado, 20 anos depois das suas alegadas experiências, um cidadão inglês deparou-se com a parte superior de um aquecedor a gás descoberto na arrecadação dos avós, que tinha, exactamente, a forma do Disco Voador fotografado por Adamsky, e no qual empreendeu a sua surpreendente viagem astral!...

Quanto à hipótese de, em tempos remotos, termos sido visitados por seres de outros mundos... é sempre uma hipótese a considerar. Porém, há quem vá mais longe e transforma a hipótese em realidade. Foi o que fez o escritor suíço Eric Von Daniken, autor do livro *Eram os Deuses Astronautas?*.

Em entrevista a uma revista alemã, perguntado sobre a intenção da visita dos extraterrestres, Daniken respondeu:

“Se eu me apercebesse que num carreiro de formigas havia insectos com inteligência que queriam entrar em contacto comigo, que interesse tinha eu em pisar o carreiro e destruí-las? O mais lógico seria esforçar-me para as entender e estabelecer uma troca de ideias. O mesmo sentirá uma inteligência superior que nos visite... dominando uma técnica igualmente superior que lhe permite cruzar longas distâncias no espaço, esse astronauta terá de ser, também, eticamente superior”.

Partilho desta premissa de Daniken, embora a sua personalidade não me agrade totalmente, já que faz algumas afirmações fáceis, sem grande rigor científico. E o seu passado semeado de casos de fintas ao fisco e de expedientes económicos que o conduziram à cadeia, não é o melhor cartão de recomendação para a sua credibilidade.

Depois daquele programa de rádio de Orson Welles, parece que as populações passaram a estar mais atentas à observação do céu, e talvez por isso foram referenciados casos de Discos Voadores com muita frequência.

O fenómeno globalizou-se e rapidamente os Discos Voadores alimentaram a indústria da comunicação.

Já na década de 1970 era raro o dia em que a imprensa não noticiasse observações OVNI em algum ponto do planeta, a maioria das vezes sob a forma de globos de luz intensa, e alguns casos referiam, até, observações próximas de estranhas naves pousadas no solo que levantavam voo silenciosamente ou emitindo silvos agudos, para de imediato ganharem velocidade vertiginosa e desaparecerem no espaço.

O fenómeno OVNI globalizou-se e prendeu o interesse de imensa gente, mormente a juventude, sempre ansiosa por saber, ávida pelo enigma, pelo misterioso, e sempre atraída pelo desconhecido.

Em consequência deste interesse não havia cidade e escola que não tivesse o seu grupo de investigação de Ovnilogia, termo rapidamente criado para servir o mercado, e que passou a ocupar grupos associativos e escolares.

Cada grupo produzia o seu boletim informativo, de modo artesanal, sem qualquer rigor gráfico, salvo raras excepções.

Este interesse juvenil rapidamente motivou os editores, sempre atentos a uma oportunidade de negócio, e a juventude interessada no fenómeno OVNI constituía um excelente segmento de mercado a não descurar.

Não havia semana em que os escaparates dos quiosques não mostrassem novas revistas que tratavam o tema, nem mês em que as montras das livrarias não expusessem novos livros sobre o fenómeno OVNI e assuntos correlacionados: As inscrições da planície de Nazca, no Peru; o misterioso Triângulo das Bermudas, com o enigmático desaparecimento de barcos e aviões; os segredos das pirâmides Maias; as profecias egípcias alegadamente detectadas no Vale dos Reis; registos da presença de extraterrestres no Génesis bíblico (note-se que todos estes temas foram trabalhados e divulgados por Eric Von Daniken); a própria figura e os feitos de Jesus Cristo, os moais da Ilha de Páscoa... para além de observações de humanóides em várias partes do mundo...

E afirmou-se, até, a existência de vestígios de uma civilização extraterrestre, encontrados na cave do emblemático arranha-céus de Nova Iorque, Empire State Building!...

Havia literatura para satisfazer todos os gostos. Se alguns autores eram desconhecidos, também havia textos assinados por gente com crédito afirmado, e de várias procedências: Norte-americanos, ingleses, franceses, alemães, espanhóis e portugueses.

A imprensa generalista dava conta, quase diariamente, da observação de OVNI cruzando os céus de várias partes do mundo... e em África, recordo que houve um presidente-ditador de um país (já não recordo qual... mas em África podia ser qualquer um!...), que ao divulgar-se a observação de um OVNI sobre o seu país, quis saber quem deu autorização para o OVNI voar no espaço nacional! É muito provável que tenha mandado prender alguém.

Eu próprio criei no jornal *O Primeiro de Janeiro* a rubrica OVNI^s EXISTEM que mantive semanalmente durante cerca de três anos (de Outubro de 1978 a Julho de 1981, altura em que, profissionalmente, deixei *O Primeiro de Janeiro* e me mudei para a *Empresa do Jornal de Notícias*, integrado na equipa do novo jornal *Notícias da Tarde*), onde comentava observações OVNI, a qual foi continuada por Fernando Fernandes. Ao mesmo tempo, Joaquim Fernandes noticiava e comentava, no *Jornal de Notícias*, os fenómenos OVNI na sua rubrica *2001*.

E em Lisboa, Seomara da Veiga Ferreira e Sanches Bueno eram duas de entre outras personalidades que escreviam crónicas sobre o tema em jornais e revistas, proferiam palestras e faziam investigação, organizados no grupo CECOP (Centro de Estudos Cosmológicos e Parapsicológicos).

Com o correr do tempo, a ideia de contacto de terrestres com extraterrestres perdeu a agressividade. Largamos o medo às sangrentas invasões galácticas (os sanguinários são gente igual a nós, estão ao nosso lado sem os reconhecermos, e o perigo ameaça-nos em nossa própria casa, dispensando tenebrosos alienígenas), e maioritariamente estamos mais permeáveis à ideia da fraternidade entre mundos e entre civilizações (apesar da brutal realidade que o mundo nos mostra dia-a-dia!...).

É essa a ideia exposta por Steven Spielberg no filme *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*, que veio assinalar uma nova etapa na história dos extraterrestres no cinema. O contacto que no filme é estabelecido entre eles e nós, não foi provocado por nós próprios, mas sim induzido por eles. São os extraterrestres, despidos de todas as intenções bélicas e colonizadoras, que sinalizam o caminho a percorrer, que escolhem os eleitos, que referem o local do encontro e, finalmente, estendem os braços (eles e nós), não empunhando armas, mas em fraterna comunhão na procura de uma linguagem que permita um mútuo conhecimento num fraternal encontro não imposto pelos terrestres.

Ou seja: Não são os extraterrestres que se obrigam a aprender inglês para se entenderem connosco! No filme esse entendimento começa por ser telepático e leva os eleitos a perceberem e a contextualizarem o convite ao encontro, o qual, depois, é facilitado por uma linguagem universal: A música!

E é com esta benigna e pacífica ideia dos nossos irmãos cósmicos, que chegamos aos nossos dias... e eu chego ao fim desta minha comunicação que, espero, vos tenha agradado. Muito obrigado por me terem escutado.

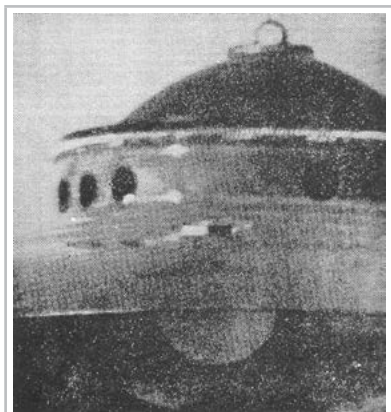


FIGURA 1

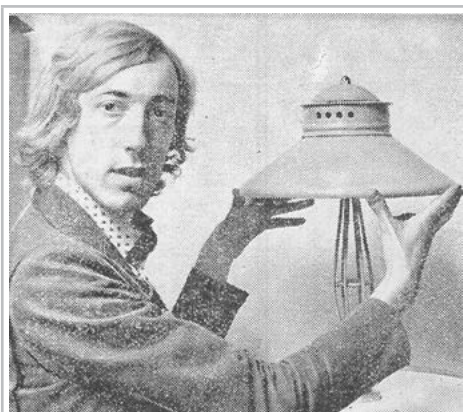


FIGURA 2

